

*Quisqualis indica.*

Farmácias e Ervanários Tradicionais Chineses em Macau

ANA MARIA AMARO*

“Quem conhecer o Homem, conhecerá o Mundo e a estrutura do Universo com a sua História original”
Wong Cheong, 27-107 d.C.

Como seria de esperar em país de tão grande imensidão geográfica, em que uma única província excede, por vezes em muito, alguns dos considerados grandes países europeus, a variedade de espécies vegetais é, realmente, enorme. Desde sempre houve, pois, um soberbo manancial para experimentação de ervas curativas.

Desde o Neolítico, com o lendário San Nong [Shen Nong 神农] na vanguarda, numerosos herboristas colheram e seleccionaram as mais variadas plantas indígenas, experimentando os seus efeitos e compondo receitas mais ou menos eficazes e em que faziam intervir plantas aparentemente sem qualquer efeito curativo.

Se nas práticas médicas as especulações tauistas conduziram, por vezes, os médicos chineses a fantasiosos diagnósticos, em farmacopeia, sobretudo naquela que se fundamenta nos elementos vegetais, de há muito que aqueles detêm avançados conhecimentos,

*Pinellia ternata.*

hoje considerados rigorosamente válidos do ponto de vista científico. Ficaram famosos antigos herbários e tratados descritivos de várias espécies vegetais, em que são mencionadas as suas virtudes terapêuticas, considerados, ainda hoje, obras de grande actualidade. O mais conhecido destes tratados, por ser o mais completo e o mais perfeito e onde se esboça já uma tentativa de sistematização, é o *Ben Cao Gang Mu* 本草綱目 (O Grande Herbário)¹ da autoria de Li Shizhen 李時珍 (1518-1593), hoje tido justamente como o maior botânico chinês.

A famosa farmacopeia chinesa, de que eram detentores os antigos médicos herboristas, fez com que, só nos tempos mais recentes, se tenham tornado independentes, à imitação do Ocidente, ervanários, farmacêuticos e médicos tradicionais. Esta independência foi lenta, progressiva e muitas vezes ainda se encontra mal definida, porque o dono da loja de ervanária, ou o dono da farmácia, é também, quase sempre, um curandeiro ou “mestre-china”.

Até meados do século XIX não havia em Macau farmácias chinesas registadas como tal, mas apenas ervanários. Só mais tarde, as mais importantes lojas de remédios chineses, como o Pavilhão da Longa

* Doutorada em Antropologia pela Universidade Nova de Lisboa, jubilou-se como Professora Catedrática do ISCSP/UTL (Lisboa).

Ph.D. in Anthropology from Lisbon's Universidade Nova. Retired Professor of ISCSP/UTL (Lisbon).

ANTROPOLOGIA

Primavera, fundado pelo milionário Lou Kau [Lu Jiu 卢九] na Travessa do Soriano, começaram a receber esse nome, ficando o termo ervanário reservado para as lojas que vendiam plantas frescas.² Nos anos 70, as farmácias tradicionais tendiam a desaparecer, vendendo, a par de remédios manipulados, outros remédios apresentados em frascos e em recipientes de plástico dentro de caixas, com os respectivos nomes e reclames que certos laboratórios particulares dirigidos por mestres que, detentores de segredos de receitaário antigo, fabricavam e distribuía já embalados.

Estes laboratórios, por vezes com aspecto actualizado, eram, em muitos casos, semelhantes às fabriquetas de balichão ou de óleo de ostra,³ vendo-se no seu interior apenas grandes potes de barro onde o produto era armazenado, almofarizes e um fogão a lenha, em estilo chinês, além da frascaria e das caixas coloridas para as embalagens, que se faziam numa mesa tosca, em recinto muitas vezes mal iluminado.

Havia, então, em Macau, três tipos diferentes de lojas chinesas onde se vendiam medicamentos: as drogarias, que vendiam remédios já manipulados, tanto chineses como ocidentais, sem necessidade de qualquer receita; as farmácias tradicionais, onde se podiam adquirir os medicamentos prescritos pelos velhos “mestres-chinas” ou mesmo obter uma consulta e aviar a receita e os ervanários, onde se vendiam ervas frescas regionais, indispensáveis à preparação de muitas mezinhas.

ERVANÁRIOS

A diferença fundamental entre os ervanários e as farmácias tradicionais chinesas residia no facto de nos primeiros se venderem principalmente plantas verdes, recém-colhidas, portanto, regionais. É certo que vendiam também, mas em menor quantidade, algumas plantas já secas, quer nativas, quer importadas. Alguns vendiam igualmente animais vivos como pequenos cágados ou mesmo cobras de considerado efeito medicamentoso.

Nos ervanários, só raramente se preparavam pequenas receitas em que entravam minerais reduzidos a pó e órgãos triturados de animais vivos ou secos, contudo, sempre associados ao elemento vegetal verde, que dominava em todas as poções.

Geralmente, o ervanário, o velho *cháp ieók* [*zhua yao* 抓药] era também mestre e receitava, vendendo as

suas drogas, ao passo que o *ieók si* [*yao shi* 药师] (“botica-mestre”),⁴ podendo ser um curandeiro tradicional, se limitava, na maioria das vezes, a ler as receitas que os médicos pincelavam e a pesar cuidadosamente os ingredientes, manipulando-os e indicando como deviam utilizar (se por infusão, decocção, emplastro, etc.).

Era nas farmácias, e não nos ervanários, que se preparavam as receitas dos mais conceituados médicos da velha escola, sempre mais complicadas, incluindo elementos mais caros e mais raros, importados secos ou previamente preparados, e que só aí se encontravam, preservados em recipientes de estanho ou de louça ou em cento e uma gavetinhas de boa madeira.

O ervanário era, por isso, o farmacêutico popular, aquele que atendia os clientes de menos posses, que percebia de terapêutica e observava gratuitamente os compradores dos seus medicamentos. Era, aliás, no ervanário que se encontrava o inesgotável manancial da farmacopeia popular macaense.

As lojas dos ervanários eram, em geral, pequenas, sobre o comprido, escuras, sem janelas, de paredes de típico tijolo cinzento e comunicando directamente, sem completa divisória, com a cozinha do locatário que também lhe servia de laboratório.

Ao longo das paredes sucediam-se prateleiras de madeira velha, onde, em compartimentos separados por tabiques, estavam arrumadas as ervas, todos os dias fornecidas por colectores eventuais contratados, que chegavam a ir de tancar⁵ às ilhas vizinhas procurá-las.

A partir da porta de entrada dispunha-se, no sentido do comprimento, o balcão, em madeira tosca, raramente envidraçado. Por detrás deste, encostada à parede, até mais ou menos um metro e meio do solo, estava uma vasta prateleira, onde se empilhavam frascos com unguentos e pacotinhos de chás medicinais. Por baixo desta erguiam-se três séries de gavetinhas toscas, onde eram guardadas as espécies mais raras importadas em seco ou espécies locais preparadas pelo próprio ervanário, algumas das quais tinham de estar a recato pela sua toxicidade.

Ao fundo do balcão, sobre uma prateleira baixa, podia ver-se sempre o escuro almofariz de pedra, a par de potes de porcelana, de meio palmo de altura, contendo unguentos vários. Perto, empilhavam-se retalhos de panos de algodão de fantasia ou de ganga azul, obtidos ao acaso, junto da respectiva tesoura, destinados aos afamadíssimos *kou ieók* [*gao yao* 膏药].⁶

ANTHROPOLOGY

Do tecto das lojas dos ervanários estavam sempre pendurados mil e um objectos, principalmente pacotes amarelos garatujados a preto ou a vermelho, contendo chás medicinais em volumosos atados, cabaças⁷ e uma infinidade de plantas secas, entre as quais avultavam as cucurbitáceas e os limões e laranjas medicinais.

Nas lojas mais abastadas nunca faltavam, em pequenas gaiolas de rede ou vidro assentes sobre um fundo de porcelana grosseira onde se deitava água, alguns pequenos quelónios vivos, de tons acinzentados, malhados de laranja, empilhados uns sobre os outros e que se destinavam a remédios caros e para doenças de maior gravidade.

À porta pendiam uma ou duas monumentais cabaças, em madeira pintada a tinta de esmalte vermelha, com caracteres pincelados a preto, anunciando o nome da firma e o ramo do negócio. A razão deste motivo decorativo é simbólica. A cabaça é um emblema da medicina chinesa porque, nos antigos tempos, era em cabaças que se guardavam os remédios. Uma cabaça à porta significava, pois, que havia ali uma loja de ervanário.

Algumas horas numa destas lojas permitiam-nos observar não só o extraordinário movimento que tinham durante todo o dia mas também a variedade de remédios que preparavam e vendiam, alguns de carácter essencialmente transcendente. Ervas, com valor curativo e poções mágicas pareciam, de facto, nas vendas diárias.

Logo de manhã, pelas nove ou dez horas, chegavam os colectores, quase sempre mulheres, com grandes cestos de arame ou de bambu, pendentes das pingas,⁸ peçados de toda a espécie de ervas reputadas curativas, muitas delas colhidas antes de nascer o Sol.⁹ Estas ervas eram para vender ao mestre ervanário por preços que variavam com a sua maior ou menor raridade no território.

O ervanário, enquanto aguardava a freguesia, ia seleccionando as ervas e arrumando-as, por secções, nas divisórias das velhas prateleiras, depois de as salpicar abundantemente com água fresca.

As plantas destinadas a secagem eram arrumadas em “supos”, tabuleiros de bambu entrançado, e levadas para os terraços ou trapeiras, onde ficavam expostas ao sol, a par dos vasos, latas e potes onde os ervanários cultivavam várias plantas medicinais, como a *pin in mai* [*ya pian yan mi* 鴉片烟米] (mangericão),¹⁰ *fo tan mou* [*huo tan mu* 火炭母] (*Polygonum chinense* L.), *tit ip* [*tie ye* 铁叶] (*Dracaena* sp., folha-de-ferro), *chi pui chou* [*zhi bei cao* 止贝草] (*Gynura pinnatifida* sp.), *chi sou* [*zi su* 紫苏] (*Perilla frutescens* Britt.), *chiün lin* [*chuan lian* 川莲] (*Crassula* sp.?), *fu iong* [*fu rong* 符容] (*Crossostephium chinensis* (L.) Mak. ex Cham. et Schl.) e *ch'au chou* [*chou cao* 臭草] (*Ruta graveolens* L., arruda) entre outras, o que, aliás, variava de loja para loja.

Depois, começavam a aparecer os clientes: uma anciã com dores de estômago e que pretendia um chá eficaz; uma rapariga com um eczema num pé, o que necessitava de uma observação mais demorada para se fazer um diagnóstico, pois a causa podia ser interna e precisar de medicação especial e, ainda, uma pequena tancareira que trazia, num pequeno cesto de bambu, uma rã amarela entre folhas anónimas, pretendendo a manipulação de um remédio cuja fórmula vinha garatujada num pequeno rectângulo de papel. O ervanário preparava o remédio com rapidez, moendo tudo no almofariz de pedra e embrulhando a papa resultante numa folha de inhame, entregando tudo à cliente a troco apenas de 10 avos.¹¹

Quase todos os remédios preparados nos ervanários eram económicos, raramente excedendo o equivalente a 20 escudos (em 1970), preço este que correspondia às receitas que incluíam simples mais raros ou aqueles cuja manipulação era mais demorada. Neste



ANTROPOLOGIA

preço estava também incluída a consulta no caso de ter sido solicitada pelo cliente.

É inegável, contudo, que os produtos de maior venda na loja de mestre Wong, eram, além de chás frescos,¹² os célebres *kou iéok* [*gao yao*], preparados nas horas de menor movimento. Curiosa e simples era a preparação destes *gao yao*, usados pela maioria dos chineses e por muitos macaenses no tratamento das frequentes furunculoses infantis.¹³ Para a confecção deste famoso unguento fazia-se ferver óleo de aleurites, no qual se mergulhava uma grande rã amarelada até a mistura se apresentar pastosa. Depois, juntava-se zircão, formando assim uma pomada que se guardava em pequenos boiões de porcelana. No momento de usar, fazia-se, com a ponta dos dedos, uma bolita do tamanho de uma semente de grão de bico que se prendia num trapo, recortado na altura, e que era vendido por 10 avos.¹⁴ Era assim também que se aplicava em forma de emplastro sobre as cabecitas dos garotos que, na verdade, alguns dias depois se apresentavam limpas de furúnculos ou de pústulas e sem qualquer marca.

Até fechar a porta, cerca das 22 horas, era sempre um contínuo mourejar na loja do ervanário, entremeado de alguns períodos de conversa com este ou aquele velho amigo ou com os numerosos netos que, após a vinda da escola, se espalhavam pela casa, aproveitando mesas e prateleiras para assento dos cadernos onde se exercitavam na sua caligrafia desenhada.

Observando cuidadosamente as prateleiras dos ervanários podia-se concluir acerca das espécies mais usadas, por mais procuradas, na medicina popular de Macau ao longo do ano.

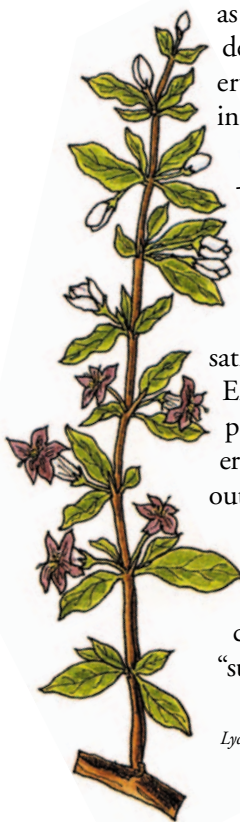
Da análise do gráfico seguinte¹⁵ podemos tirar, ainda, algumas conclusões acerca das moléstias então mais frequentes entre a população local de menos posses:

- A *Poligonum chinensis* L., procurada para tratamento de males intestinais;
- A *Crossostephium chinensis* (L.) Mak. ex Cham et Schl., empregada em lavagens contra dores musculares e reumatismo e usada também como demonífugo;
- A *Ficus pumila* L. usada em xaropes e geleias frescas considerados fortificantes e estimados no tratamento de amenorreia;
- A *Perilla frutescens* Britt., poderoso antitússico;
- Os frutos de *kau kei* [*gou ji* 枸杞] (*Lycium chinensis* Mill.), utilizados em oftalmologia;

- A *Oldenlandia corymbosa* L., suposto curar o cancro intestinal e a apendicite;
- A *Sapium sebiferum* Roxb., para lavagens contra impingens e outras dermatoses;
- A *Solanum nigrum* L., utilizada para “tirar o veneno das infecções”, esmigalhando as bagas sobre furúnculos ou feridas purulentas; considerada também anti-cancerosa;
- A *Gynura pinnatifida* Vann., aplicada em emplastros, misturada com vinho, sobre hematomas e utilizada ainda no “chá de sete estrelas”¹⁶;
- A *Rhoeo discolor* (L. Ler.) Hance, estimulante do apetite¹⁷;
- A *Nepeta japonica* Maxim, eficaz como antipirético;
- A *Rodhomyrtus tomentosa* (Ait.) Hank., aplicada em lavagens no tratamento de líquens e de outras afecções cutâneas
- A *Desmodium triquetrum*, com propriedades diuréticas e antigripais;
- A *Cordyline fruticosa*, utilizada nas afecções brônquicas;
- A *Artemisia vulgaris*, usada contra disenteria e hematuria.

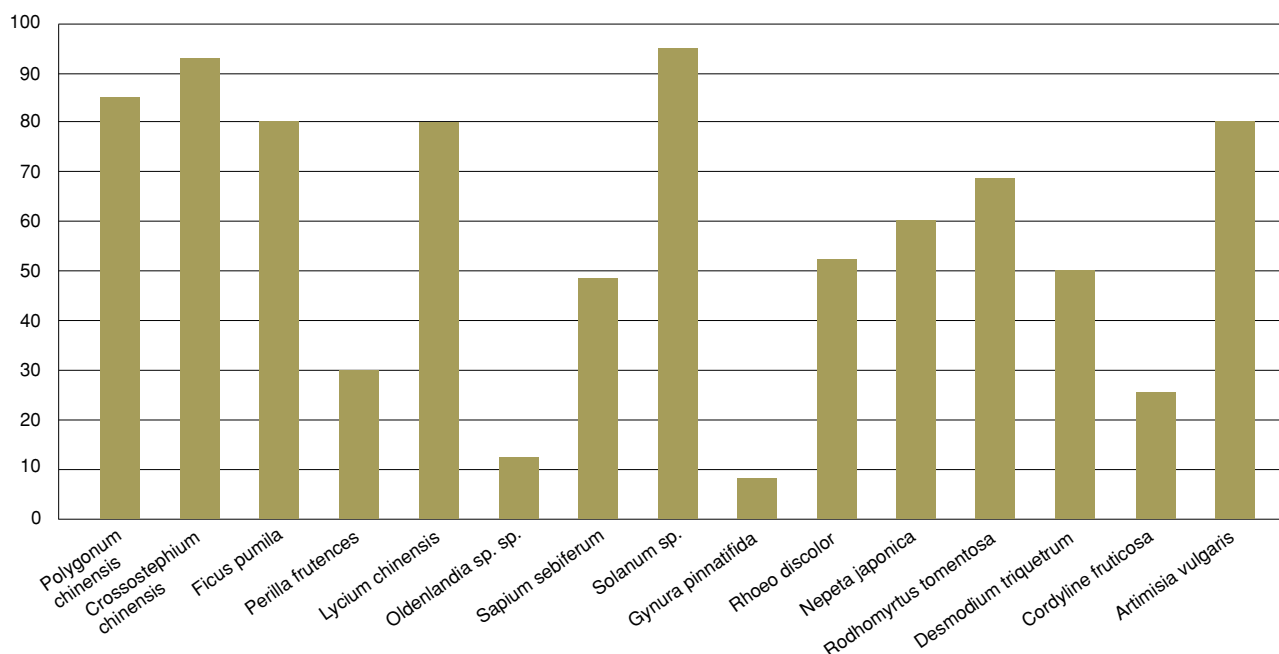
Várias outras dezenas de espécies, que povoavam as colinas da Península e das ilhas vizinhas de Macau, eram igualmente vendidas nos ervanários mas em quantidades muito inferiores.

Nos ervanários chineses misturavam-se um pouco ciência e superstição. Era, pois, habitual encontrar nas velhas e escuras prateleiras, a par de plantas medicinais com valor cientificamente comprovado, muitas outras cujo uso satisfazia meramente a credence popular. Entre estas predominavam os ramos de pessegueiro e de salgueiro, cujas folhas eram consideradas esconjuratórias, além de outras que, por decoção, produzem “água vermelha” para lavagem contra “vento sujo” e ainda de outras empregadas em defumações contra certas moléstias, consideradas resultantes de invejas ou de “susto”.¹⁷



Lycium chinensis.

PRINCIPAIS ESPÉCIAS VENDIDAS NOS ERVANÁRIOS DE MACAU (1970)



Além destas lojas de maior ou menor importância comercial, havia ainda ervanários ambulantes que, com os seus cestos cheios de ervas recentes, se acoravam às portas dos mercados ou junto às bancas das floristas a quem, por vezes, também forneciam, por alguns avos, plantas medicinais, principalmente destinadas a chás frescos.¹⁸ Estes ervanários eram mais modestos, não passando, geralmente, de simples colectores, pois raramente aconselhavam as mezinhas, limitando-se a vender as ervas e, por vezes, raízes mais ou menos secas, tal como quem vendia fruta ou hortaliça. Em 1970-72, duas destas vendedoras de ervas encontravam-se quase todos os dias à entrada da Rua Nossa Senhora do Amparo e na Rua Sul do Mercado de S. Domingos. A maioria das suas ervas provinha da ilha de Coloane e quase sempre eram excedentes que as lojas dos ervanários rejeitavam. Era, aliás, muito frequente, nos anos 60-70, encontrarem-se nesta rua os mais diversos vendedores ambulantes de remédios chineses.

FARMÁCIAS TRADICIONAIS

Contrariamente aos ervanários, as farmácias chinesas, conhecidas por *iéok chói pou* [*yao cai pu* 药材铺], eram amplas e bem iluminadas, embora também

sem janelas laterais, mas abertas para a rua em toda a extensão da sua fachada.

Dentro dos grandes balcões envidraçados encontravam-se os simples mais preciosos, encerrados, muitas vezes, em verdadeiros estojos, cheios de algodão, ou forrados de seda: chifres de veado e de rinoceronte, mandrágoras e ginseng, patas de urso e hipocampus ressequidos (mas perfeitamente conservados) e certas pedras-bezoares.¹⁹ Em prateleiras, geralmente dispostas ao longo da parede fronteira ao balcão, sucediam-se grandes boiões de vidro, ou porcelana cara, com tisanas já preparadas. Nas paredes ou nos lintéis das portas estavam gravados ou pintados o nome ou o reclame da firma, enquadrados em molduras, geralmente de talha, a par de grandes espelhos, tradição antiga para afastar más influências e espíritos malfazejos, que podiam entrar com os doentes. Guarnecendo as paredes, sucediam-se filas de gavetinhas em madeira preciosa, muitas vezes em pau-rosa ou teca, para melhor conservar as numerosas ervas secas, geralmente importadas.

Estas gavetas distinguiam-se imediatamente das que se encontravam nas lojas dos ervanários pelos seus mais ou menos vistosos labores, muitas vezes em preciosa obra de talha.

Por toda a vasta sala, além dos espelhos decorativos, com inscrições e, por vezes, desenhos gravados,

ANTROPOLOGIA

dispunham-se pinturas, baixos-relevos ou caquemonos, primorosamente bordados a matiz, representando os patronos da medicina chinesa, antigos médicos ou imortais tauistas, alguns semilendários, com fama de milagrosos e, ainda, figuras alegóricas ou emblemáticas de saúde e longevidade, como pêssegos, cabaças, cidras, gatos e borboletas,²⁰ garças sobre pinheiros, densos maciços da bambu, a deusa Má Ku [Magu 麻姑] ou Sau Seng Kong [Shou Xing Gong 寿星公], bem como, em diferentes estilizações, o carácter *sau* [shou 寿], ideograma que significa “longa vida”. A mais popular destas figuras, presente até na publicidade de medicamentos já preparados e vendidos em frascos em estilo ocidental, como era o caso da “vita-soja”, era Sau Seng Kong [Shou Xing Gong], logo seguido pela figura de T’it Kwâi Lei [Tie Guaili 铁拐李], um dos Oito Imortais.²¹ Sau Seng Kong [Shou Xing Gong] é geralmente representado, acompanhado por uma corça, por uma criança ou pela própria Má Ku [Magu],²² empunhando um cajado de onde está suspensa uma cabaça ou transportando na mão pêssegos volumosos.²³

Numa farmácia chinesa, onde nenhuma planta está à vista, nunca faltavam o grande cutelo-alavanca, fixo ao balcão, para cortar finamente as drogas secas e a graciosa balança de tipo romano, de pouco mais de um palmo, geralmente em osso ou marfim, com marcações em cobre ou prata, tal como o pequeno prato, cuidadosamente conservado no seu estojo de seda. Graduada em *chin* [qian 钱], *fan* [fen 分] e *léong* [liang 两],²⁴ esta balança era considerada preciosa, pela fidelidade na pesagem que se lhe atribuíra, essencial para dosagem dos componentes da maioria das receitas.

Em certas lojas que mantinham ainda o antigo estilo tradicional chinês, já muito raras em Macau nos anos 70, podiam ver-se, nos frontispícios, curiosas

decorações simbólicas em baixos-relevos de gesso ou em talha dourada entremeada de cores e ainda vários espelinhos circulares ou octogonais, estes últimos muitas vezes contornados pelos oito trigramas.²⁵

Nas farmácias vendiam-se tanto plantas locais como plantas importadas, mas todas secas, depois de cuidadosamente escolhidas e manipuladas. As raízes eram prensadas numa espécie de cilindro, depois de secas e finalmente cortadas na faca-alavanca, da mesma forma que o eram as grandes minhocas cujo tegumento fazia parte de numerosas das mais populares receitas em Macau.

As espécies introduzidas de maior venda nas farmácias chinesas eram²⁶ a escorcioneira redonda (*Smilax china* L.), refrigerante e peitoral, a maçã Nanquim (*Zizyphus jujuba* Mill.), estomáquica e tônica, também usada para enfeitar o célebre *tai long kou* [da long gao 大龙糕],²⁷ o alcaçuz da China (*Rehmannia glutinosa* Lib.), presente na maioria das receitas dos “mestres-chinas”, tal como o ruibarbo da China (*Rheum officinale* Baill.), emenagogo, laxativo e diurético.

Além destas, entre centenas de outros, o estramónio, poderoso anódino e antiespasmódico, a escorcioneira (*Liriope spicata* Lour.), peitoral, tônica e refrigerante, o crisântemo branco da China, de flores tónicas e sedativas, a fruta-bicho (*Quisqualis indica* L.), vermífugo poderoso, e ainda o celeberrimo ginseng ou *iân sam* [ren cen 人參], tido ainda hoje como verdadeira panaceia, eram dos simples mais procurados.

A mais antiga farmácia chinesa de Macau era na altura o Pavilhão da Longa Primavera (Chéong Chõn Tong) [Chang Chun Gong 长春宫]. Fundada em meados do século XIX anos, na sequência da morte do seu proprietário vem a perder na década de 80 do século XX toda a sua riquíssima decoração em talha dourada, vendida, ao que se disse então, a um comprador de Hong Kong. Situada perto do Largo de S. Domingos, o



Sau Seng Kong [Shou Xing Gong], numa pintura de San Song 三松, 1567.

ANTHROPOLOGY

seu nome estava perfeitamente de acordo com a sua actividade, já que Longa Primavera corresponde, metaforicamente, a longa juventude e, portanto, a longa vida, conceito básico da medicina tauista, e que leva a pensar nas vantagens dos bons remédios, quando bem escolhidos e bem preparados.²⁸

No Verão, para salvaguardar o interior da farmácia da ardência do Sol, sombreava a entrada um grande toldo listrado, laboriosamente preso à fachada por cordoaria de forma a não encobrir os primorosos trabalhos da talha que enquadram a porta. No Inverno, de modo a proteger da chuva e do frio, era adaptada ao balcão uma armação de madeira envidraçada na qual se podia abrir um pequeno postigo que permitia a venda dos remédios, mesmo em alturas de tufão, se a tempestade fosse violenta. Toda a vasta porta era enquadrada por painéis de talha dourada, onde haviam sido delicadamente esculpidas flores e frutos estilizados, garças em voo e ramos de pinheiro. No painel do topo, distinguiam-se, pintados a vermelho, os três ideogramas monumentais correspondentes ao nome da farmácia. Do lado direito, sobre um painel em madeira decorada, podia ler-se *Man ieng ü i* [*Wan xing ru yi* 万形如意] (Dez mil receitas de acordo com o que se desejar). Este painel terminava, em baixo, por uma espécie de gruta, à entrada da qual estava representado um homem, acompanhado de uma criança, manipulando drogas numa grande cabaça colocada sobre um fogão em estilo antigo. Parece tratar-se do patrono dos farmacêuticos, T'it Kwâi Lei [Tie Guaili] ou simbolizar, apenas, um médico célebre que, na antiga China, se confundia necessariamente com o farmacêutico, acompanhado de um discípulo e preparando um medicamento mais ou menos miraculoso, talvez o célebre “elixir da longa vida” que os tauistas procuravam descobrir por meio das suas experiências de alquimia. Sobre a gruta havia uma inscrição pintada a vermelho, pela qual se fazia saber que aquele painel fora oferecido à farmácia no 30.º ano de Kong Soi [Guangxu 光绪] (1905) e que, ali, “se prescrevem remédios capazes de conferirem a vida a quem os tomar”. Seguiam-se alguns caracteres já ilegíveis e o nome do ofertante – Chiu Cheong Heng – provavelmente um doente grave e rico, miraculosamente curado pelo mestre



Rehmannia glutinosa.

daquela farmácia. Sob este painel, abria-se um nicho em mármore onde se venerava Chói San [Cui Shen 财神], o Espírito da Riqueza, tal como sucedia na maioria das lojas tradicionais chinesas e diante do qual se mantinham sempre acesos três pivetes de culto.

O painel que enquadrava a porta, à esquerda de quem entrava, representava uma jarra monumental, de onde emergiam três peónias em plena florescência e uma em botão.²⁹ Decoravam a jarra duas “orelhas” com a forma de cabeças de dragão e, ao longo e em torno dela, volitavam cinco morcegos que simbolizam as cinco felicidades, tão queridas dos chineses.³⁰ Rematavam o painel representações do *leng chi* [*lingzhi* 灵芝] (fungo da longevidade),³¹ uvas, tangerinas e uma cidra, representando longa vida, longa prole e felicidade. Alguns dos frutos que decoravam o painel eram de difícil identificação devido às mutilações que a talha sofrera com o decorrer dos tempos. Sobre a jarra podia ler-se, porém, com certa nitidez: *Cheong chôn pak soi chau* [*Chang chun bai sui jiu* 长春百寿酒] (Vinho de cem anos da (farmácia) da Longa Primavera).

Esta farmácia era a única que mantinha, no seu conjunto, o cunho tradicional das velhas boticas chinesas, onde pontificava um médico idoso e abastado, descendente de um outro muito famoso na cidade. Uma outra farmácia, também neste antigo estilo mas mais imponente ainda, com todo o frontispício lavrado, coberto e enfeitado com espelhos e vidros de cor situara-se em pleno Bazar, na Rua Cinco de Outubro, ocupando, ao que se julga, uma antiga casa de chá, mas tinha ardido nos anos 40. Nesta mesma rua, havia uma outra farmácia em estilo clássico chinês de Macau (já não existe hoje), onde se podiam notar nos anos 70 alguns vestígios das farmácias tradicionais. Nos trabalhos das janelas, no painel e em outras talhas douradas



Liriope spicata.

ANTROPOLOGIA

que guarneciam o interior, a farmácia vestia-se à moda da antiga China. Notava-se, porém, uma acentuada modernização no seu conjunto, sendo o próprio dono, contrariamente ao da primeira, um cidadão que se vestia já à moda ocidental.

Transposta a porta principal do Pavilhão da Longa Primavera encontrávamo-nos numa vasta sala da altura de dois pisos, cuja luz era coada pelos lindos vidros coloridos das janelas do primeiro andar e cujo soalho se reduzia a uma estreita faixa em forma de corredor, rodeando, no topo, a sala do rés-do-chão, corredor este defendido por um varandim trabalhado e aberto sobre o primeiro piso. Este varandim culminava numa prodigiosa obra da talha que vedava, dos olhares indiscretos de quem entrava, os compartimentos interiores do primeiro andar ou segundo piso, de acordo com a designação chinesa. Este grande painel, verdadeiro frontão, continha um nicho que abrigava a imagem da célebre trindade tauista constituída por Kuan Kong [Guan Gong 关公], Kuan Peng [Quan Ping 关平] (ou Lou Pei – Liu Bei 刘备) e Chau Chong [Zhao Yun 赵云] (ou Chéong Fei – Zhang Fei 张飞) pormenorizada aguarela polícroma pintada sobre papel. Kuan Kong ou Kuan Ü [Guan Yu 关羽], figura muito popular que o *San Guo Yan Yi* 三国演义 (Romance dos Três Reinos) celebrou,³² parece ter sido um general que viveu no período conturbado dos Três Estados (220-265), vindo a ser imortalizado como patrono dos guerreiros e ainda Deus da Guerra e protector dos letrados e dos negociantes. Diante desta aguarela alinhavam-se os pratinhos e as tigelas das ofertas bem como os pivetes e a lamparina de óleo que a devoção manda manter sempre acesos. Do lado direito de quem entrava, encontrava-se o balcão envidraçado, em forma de “L”, atrás do qual forravam a parede gavetinhas em boa madeira, dispostas em dez filas de nove gavetas sobrepostas, sobre as quais se apoiavam armários envidraçados contendo frascos de remédios caros. Rente ao chão, alinhava-se mais uma série de dez gavetas, das quais uma destoava pelo maior tamanho, mas que perfazia a centena, número que não podia faltar numa farmácia que se prezasse.

Sobre os armários erguiam-se, até ao varandim do segundo piso, tabuletas em madeira com nomes de remédios célebres gravados. Ao fundo do balcão empilhavam-se toscas gavetas, sem valor ornamental, e velhos armários que destoavam do conjunto e que

devem ter sido ali colocados muito posteriormente, numa luta contra a falta de espaço. Além destes armários e gavetas, havia prateleiras, improvisadas nesse ângulo do compartimento, peçadas de boiões com unguentos. O balcão, envidraçado e com prateleiras, como na generalidade das farmácias chinesas, não terminava bruscamente. Seguiu-se-lhe um prolongamento de madeira, com um suporte onde se apoiavam algumas balanças tradicionais em osso de búfalo com prato e marcadores de cobre. Próximo, estavam os almofarizes em bronze, pesando seis cates e meio cada um. Os pilões eram constituídos por manípulos de madeira, que encaixavam em socos metálicos, em bronze, semiesféricos, escavados a meio.³³ O rebordo de cada manípulo servia de tampa ao almofariz, podendo apoiar-se a mão sobre ele.

Em plano inferior, encontrava-se o grande parão-alavanca, de catorze cates, que podia cortar muito finamente e com a maior facilidade as cascas e as raízes mais resistentes. Sobre o balcão podia ver-se ainda uma rima de papéis carimbados, para embrulho, seguros por meio de duas varas da madeira de bordos arredondados, que se colocavam sobre eles, para os não deixar voar nem balouçar, enquanto neles se envolviam os simples. Estas varas ou régua serviam também para prender a receita quando o cliente a ia aviar, permitindo a sua leitura sem que o papel se agitasse ou voasse. Nas farmácias tradicionais encontrava-se igualmente uma mó manual, destinada a reduzir a pó certos materiais, como a madrepérola, com a qual se faziam remédios muito afamados, entre os quais o creme com que os artistas de ópera chinesa protegiam o rosto antes da maquilhagem. Esta mó era semelhante à que de há séculos os chineses utilizavam para moer grãos e obter farinha. No caso de ser de grandes dimensões, era habitualmente accionada com os pés.³⁴

Outro instrumento próprio das farmácias tradicionais era uma espécie de prensa, semelhante ao afiador dos amoladores ambulantes e que se destinava a conferir às raízes e troncos secos o aspecto espalmado com que eram vendidas. Era o chamado *pau tou* [pao dao 刨刀]. Sobre um paralelepípedo de madeira forte, apoiava-se um outro, também em madeira, com um manípulo, o *cham tau pau* [shan tou pao 杉头刨]. Entre estes dois blocos de madeira colocava-se o pedaço da raiz ou tronco; fazendo deslocar o bloco superior provocava-se o seu esmagamento.

ANTHROPOLOGY

Nas vitrinas sobrepostas à última série de gavetas, atrás do balcão, estavam colocadas vasilhas em porcelana e em estanho chinês, destinadas a conservar os medicamentos mais caros, como *cham tou* [*shan tou* 杉头] (pau-d' áquila) (*Dioscorea batatas* Decn. preparada), *in wó* [*yan wo* 燕窝] (ninho de andorinha), *pak kei* [*bei qi* 北芪] (raiz de *Ampelopsis japonica* Thumb. Mak.), etc., que se deteriorariam facilmente em presença do ar.

Na Farmácia Pavilhão da Longa Primavera, no lado esquerdo de quem entrava, via-se, ocupando grande parte da parede, uma grande placa em mármore cinzento encaixilhada em pau-preto, sob a qual se alinhavam cadeiras e mesas tradicionais na mesma madeira. Nesta placa estavam gravados os nomes dos “cem remédios” mais importantes que a farmácia vendia, desde a sua fundação. Nos baixos-relevos do caixilho estavam representados vários ideogramas, como *séong hei* [*shuang xi* 双喜] (dupla felicidade) e *sau* [*shou* 寿] (longa vida), este estilizado, além de morcegos, emblemas de felicidade, que rematavam os quatro ângulos. Sobre a placa estava suspenso um painel em madeira lavrada, oferecido por ocasião da inauguração da loja, como mandava a etiqueta chinesa.³⁵ Lateralmente, viam-se espelhos com inscrições, caquemonos e um velho relógio ocidental de pêndulo, que os chineses muito apreciavam. Junto ao balcão, sucediam-se alguns bancos para utilização dos clientes, enquanto esperavam.

Este primeiro compartimento, de acordo com o clássico estilo da arquitectura chinesa, encontrava-se separado do seguinte apenas por uma arcada em talha dourada, cujos elementos decorativos eram corças malhadas, símbolo de prosperidade, garças em voo entre pinheiros, símbolo de longa vida, e magnólias enormes, talvez simbolizando, por homofonia, a palavra remédio ou, simplesmente, ventura, por ser uma das flores perfumadas emblemáticas do Outono e medicinais. Esta arcada era fechada pelas figuras de dois dragões coleantes e circunscrevia a entrada de um pequeno compartimento fechado no fundo, onde um grande espelho metálico, convexo, ocupava quase toda a parede. Esta pequena parede em madeira comunicava, por duas portas laterais, com o interior da casa, onde se encontrava a cozinha, o fogão e os grandes recipientes destinados a torrar alguns simples. Em todas as velhas farmácias tradicionais se encontrava este compartimento, destinado ao mestre da botica. Era ali que fazia as suas contas, guardava os seus livros



e dava as consultas. Neste pequeno compartimento, protegido por uma cortina de chita ou cretone berrante, predominantemente vermelha, geralmente com grandes flores estampadas, como mobiliário existia apenas uma mesa sobre a qual se encontravam uma pequena almofada, um pincel, tinta, pincéis para receitas e um ábaco bem como duas cadeiras e um pequeno armário. Sobre a arcada que dava acesso a este pequeno consultório-escritório do mestre podia ler-se a seguinte frase: *Pak pék ch'ai* [*Bai po xi* 百迫栖], anunciando que ali se encontravam guardados e sempre prontos “cem medicamentos”,³⁶ isto é, medicamentos de qualquer espécie. No compartimento seguinte, que servia de cozinha e de laboratório, estavam, de facto, arrumados numerosos potes com unguentos ou infusões, sacos, frascos e uma infinidade de drogas já manipuladas ou por manipular.

Numa farmácia tradicional podemos, pois, considerar vários espaços que são, de dentro para fora: o armazém-laboratório, o gabinete do mestre e a sala de entrada, onde se aviam as receitas aos clientes.

O balcão é o local mais importante deste primeiro compartimento. Geralmente envidraçado, está dividido em três zonas, cada uma das quais corresponde aos lugares, bem definidos, dos vários empregados/aprendizes, divididos em três escalões, de acordo com os conhecimentos já adquiridos, o que, geralmente, significa o número de anos de aprendizagem com o mestre da botica.

Antigamente, estes aprendizes viviam na farmácia que era, aliás, também a residência do mestre e não recebiam salário; apenas ensinamentos e alimentação. Nos anos 1960-70, tanto os aprendizes como os ajudantes do mestre eram já considerados empregados tendo, dentro da loja, a sua hierarquia,

ANTROPOLOGIA

de acordo com a qual eram remunerados.³⁷ O grau mais baixo – *tai chap* [*da zhua* 大抓] – equivalia a servente, competindo-lhe seleccionar, lavar, secar, moer e guardar as ervas e outros simples, de acordo com as suas diferentes categorias. Este *tai chap* não tinha ainda lugar ao balcão, sendo, pois, fora dele que trabalhava. Pode considerar-se, por isso, à parte dos três escalões atrás referidos. O terceiro grau dos aprendizes que trabalhavam ao balcão, *pong kuai* [*bang gui* 帮柜], isto é, ajudante de balcão, correspondia a farmacêutico de terceira classe. Estava-lhe destinado o lugar mais afastado da porta, junto às alavancas, balanças e almofarizes, só atendendo o público quando se registava uma grande afluência. O segundo grau era o *i kuai* [*er gui* 二柜], o segundo balcão, em tradução literal. Este, mais experiente, ocupava o lugar médio. O primeiro lugar, junto à porta, correspondia ao farmacêutico de primeira classe, o chamado *tau kuai* [*tou gui* 头柜], o “cabeça do balcão”. Este era já capaz de ler e de interpretar as receitas mais complicadas e até de prescrever este ou aquele remédio, sendo, geralmente, o monitor dos seus colegas. Havia casos em que este lugar era ocupado pelo próprio dono da farmácia. No caso de este ser já muito idoso, raramente o ocupava, nomeando o seu melhor discípulo para o substituir, limitando-se a dar consultas e a esclarecer dúvidas quando necessário.

Para se ser farmacêutico e curandeiro (ou médico tradicional), funções indissociáveis na medicina tradicional chinesa, era preciso ler muitos livros sobre o assunto, para além da aprendizagem essencialmente prática, recebida directamente do mestre. Além disso, afirmavam os “mestres de botica” tradicionais, para se ser mestre, não era suficiente saber receitar, manipular as drogas e conhecer os simples: “é preciso ter inspiração e isso vem do Céu”. Era por esse motivo, afirmavam os mais idosos, indispensável ir a Lin Fong Miu [Lian Feng Miao 莲峰庙]³⁸ “bater cabeça aos dois patronos”, San Nong [Shen Nong] e Wa Tó [Hua Tuo 华佗], principalmente nos dias das suas festividades.

Os remédios vendidos nas farmácias vinham, geralmente, já secos da China. Na sua maioria não se encontravam em Macau, dada a sua imensa diversidade e adaptação a habitats muito diferentes.

Antigamente, as farmácias tinham fornecedores certos, geralmente firmas de Cantão, que serviam de intermediários. Após 1949, as diferentes províncias chinesas passaram a ter as exportações organizadas e

nos anos 70 era apenas um armazém de Cantão que se encarregava do envio dos simples, para Macau, por intermédio da firma Nam Kong Hong [Nan Guang Hao 南光号]. Dantes, a escolha dos intermediários, por vezes “mestres de botica” velhos amigos, tornava a aquisição dos simples mais económica, mas à época, segundo o mestre da Farmácia da Longa Primavera, os encargos com a importação tornavam certos medicamentos muito caros, podendo, por exemplo, um pedaço de chifre custar 100 patacas, logo fora do alcance da grande maioria da população local.

As farmácias chinesas eram frequentadas também pelos macaenses luso-descendentes, podendo calcular-se em 30% a sua freguesia não chinesa. Dos clientes que diariamente frequentavam as farmácias, apenas cerca de 60% levavam receitas. Os restantes iam ali procurar remédios conhecidos, como chás frescos ou suadoiros, ou pedir conselho ao “mestre da botica”, consultando-o na altura. Esta consulta era sempre gratuita, desde que os clientes comprassem os remédios na farmácia.

Em Macau havia e há uma Associação dos Farmacêuticos, tal como havia e há ainda Associações de quase todas as profissões, as mais diversas. Estas Associações são de inspiração recente, sofrendo a influência directa da China Continental. Tinham como finalidade auxiliar os que nelas se inscreviam, dando-lhes assistência na doença, comparticipando no custo dos funerais e na educação das crianças, sempre que o chefe da família ficasse impossibilitado de trabalhar. Além disso, facilitavam o intercâmbio com a China Continental, principalmente no que se referia às importações, no caso específico dos comerciantes. A Associação dos Farmacêuticos, em 1966 tinha pouco mais de vinte anos, mas a dos curandeiros era mais antiga, possivelmente do século XIX. Não admira que fosse assim, uma vez que curandeiros (ou médicos tradicionais) e farmacêuticos eram, em tempos antigos, uma e a mesma pessoa.

Em 1970, havia em Macau 75 farmácias chinesas registadas, mas a maior parte ocupava já prédios recentes ou modificados, tendo perdido quase todas as suas antigas características tradicionais.³⁹

Os médicos-farmacêuticos detêm conhecimentos práticos e teóricos, como a nomenclatura e as virtudes curativas dos diferentes simples, de tal forma assombrosos que lhes permitem conseguir distingui-los, mesmo secos e triturados. Diziam eles que a

ANTHROPOLOGY

sensibilidade táctil, além da sensibilidade olfactiva e visual são importantes para tais identificações.

Nas farmácias, uma vez aviada uma receita, depois de pesados rigorosamente os simples que a compunham (o que é importante devido à toxicidade de alguns) e bem misturados, usavam-se quadrados de papel-pagode⁴⁰ para embrulhar as “mezinhas” e não as folhas de inhame utilizadas nos ervanários. O uso do papel em lugar daquela folha justificava-se, pois, tratando-se de simples secos, não havia que conservar o carácter fresco da poção. Estes papéis de embrulho eram geralmente quadrados e carimbados, a vermelho, num dos ângulos, indicando o nome e a localização da loja, bem como quaisquer atributos que pudessem servir-lhe de publicidade. Por vezes, este carimbo apresentava como motivo principal uma cabaça, correspondente ao caduceu da medicina ocidental. Para que o carimbo fosse visível, depois de feito o pacote, o papel éera dobrado pelos ângulos, em diagonal.

Os simples das farmácias só excepcionalmente eram vendidos isolados. Uma receita incluía, como já se disse, muitos elementos, alguns aparentemente não relacionados com a doença em causa, pois os “mestres-chinas” advogavam a necessidade de um efeito de conjunto para preservar os vários órgãos, não afectados, de males que certas doses de alguns simples favoráveis ao tratamento de uns pudessem vir a provocar nos outros. Pretendiam também que, certas vezes, alguns simples só actuavam quando associados a outros, numa intuição muito curiosa de efeito sinérgico. Aliás, tornava-se grato ao povo aviar uma receita com 30 ou mais componentes, o que servia de atestado à erudição do mestre que a prescrevera e conferia maior confiança na cura. Havia, inclusivamente, mestres que redigiam as suas receitas em verso, dando às drogas nomes poéticos, o que tornava, por vezes, aos leigos muito difícil a sua identificação.

Além das farmácias e dos ervanários, fixos ou ambulantes, havia ainda, em Macau, pequenas lojas ou tendas, especializadas em chás medicinais, que vendiam já preparados. Estes chás eram tidos por muito eficazes no tratamento de indigestões, de catarro, provocado pelo tabaco ou pela ingestão de alimentos cálidos, e ainda de outras indisposições do tubo digestivo. Alguns destes chás

diuréticos e laxativos muito suaves eram considerados, genericamente, “frescuras” ou “chás frescos”. Esta noção de frescura não equivale, como poderia supor-se, à noção de desalterante ou refrigerante, mas sim, de actuante contra “calor interno”, principalmente contra *sap it* [*shi re* 湿热].

Os residentes de Macau, quando ingerem demasiados elementos fritos ou gordurosos, ou muito ricos em proteínas, considerados “quentes”, abusam do álcool, do café, ou do fumo, diziam sentir “calor interno”, indisposição que um simples “chá fresco” ou *léong chá* [*liang cha* 凉茶] rapidamente fará passar.⁴¹

Para servir tão abundante clientela, como é de supor numa população tão numerosa como a de Macau, havia centenas de tendas e lojas, algumas de negócio misto, que vendiam copos ou tigelas de chá fresco, já preparado e morno, que, em 1970, custavam 10 ou 20 avos.

Eram vários os tipos de “chás frescos” que se vendiam nestas lojas. Os mais vulgares eram o chá de cana-sorgo (*chôk ché soi* [*zhu zhe shui* 竹蔗水]) (água de cana de açúcar-bambu), o “chá das cinco flores” (*ng mei fá chá* [*wu hua cha* 五花茶]) e o “chá de margoso seco” (*fu kuá kón chá* [*ku gua gan cha* 苦瓜干茶]).

MANIPULAÇÃO DOS SIMPLES

A maioria dos simples da farmacopeia chinesa necessitam apenas de um mínimo de preparação: secagem, corte e, por vezes, prensagem.

Em certos casos, porém, alguns são submetidos a tratamentos específicos, que correspondem a objectivos diferentes:

- facilitar a absorção
- facilitar a conservação
- reduzir ou anular a toxicidade e os efeitos secundários
- modificar as características energéticas
- aumentar a eficácia
- eliminar os constituintes inúteis ou prejudiciais.

Estas regras de preparação especial são extremamente rigorosas e têm sido aperfeiçoadas ao longo dos séculos por gerações de médicos tradicionais.



Aconitum carmichaeli.

ANTROPOLOGIA

São exemplos frisantes: as raízes de *Aconitum* sp. (*A. carmichaeli* Chuan Wu),⁴² extremamente tóxicas, que não podem ser usadas no seu estado natural; certos purgantes drásticos, como as sementes de *Croton* sp., que têm de ser “desengorduradas”, a raiz de *Dichroa febrifuga* Lour., que deve ser torrada e a *Pinellia tuberifera* Tenore, que deve ser tratada com sumo de gengibre para se lhe reduzir a toxicidade e não provocar irritação da garganta.

Por outro lado, casos há em que certas espécies modificam as suas próprias características medicamentosas mediante certos tratamentos a que são sujeitas. Por exemplo, a *Rehmania glutinosa* Lib. pode funcionar como um “simples fresco”, “refrescando” o sangue, no seu estado natural ou como “tépido”, depois de cozido em banho-maria, servindo para tonificar o sangue ou ainda como um bom hemostático, depois de carbonizado e reduzido a cinzas. A espécie *Polygonum multiflorum* Thumb., no estado natural favorece os “movimentos de descida dos humores viciados” devido à sua acção diurética; contudo, depois de submetida a cocção, este poder diurético desaparece, tornando-se a planta num bom tónico do fígado e dos rins.

Depois de recolhidos os simples, os ervanários sujeitam-nos a três operações, que consideram indispensáveis:

- depuração – eliminação das impurezas por peneiramento, raspagem ou escovagem;
- pulverização – no caso de se tratar de matérias-primas, cuja apresentação ou utilização o exijam. São, por exemplo, os casos das conchas de ostras e de outros lamelibrânquios, dos chifres, etc., que são limados e reduzidos a pó ou cortados em lamelas finas;
- redução – para facilitar a secagem, os simples têm de ser, por vezes, cortados em fatias mais ou menos finas, geralmente oblíquas ou mesmo em lamelas, de acordo com o tipo de matéria e usos a que se destinam.

Há que Os ervanários tradicionais utilizavam ainda várias outras técnicas, mas que mantinham mais ou menos em segredo.

G. Guillaume e Mach-Chieu⁴³ sistematizam estas técnicas em três grupos: preparação por meio da água;



Polygonum multiflorum.

preparação por meio do fogo e preparação por meio da água e do fogo.

Estes métodos destinam-se a purificar e a acentuar as características energéticas, reduzir a toxidade ou os efeitos secundários das drogas recolhidas, amolecê-las ou, ainda, a favorecer a separação de certas partes destacáveis, como seja o caso dos córtex radiculares ou caulinares e dos tegumentos de certas sementes.

Há casos em que é necessário adicionar-se “adjuvantes” aos simples, dos quais os mais utilizados são:

- vinho – que acentua o seu *cheng* [*jing* 精] (quintescência)
- sumo de gengibre – que permite obter dos simples maior efeito dispersante;
- água salgada – que provoca o amolecimento dos princípios “duros”, que assim podem alcançar os rins;
- vinagre – que confere aos medicamentos acção adstringente e actua sobre o fígado;
- urina de adolescente – que elimina e faz baixar a acção do “fogo” (infecção)
- leite – que fortifica o sangue;
- mel – que é um bom edulcorante e tonifica o baço;
- água de alcaçuz – que reduz, de uma maneira geral, a toxicidade dos simples.

É assim que, por vezes, numa receita aparecem “simples” aparentemente sem qualquer acção para o fim a que ela se destina.

Outro conceito, comum aos mestres ervanários e farmacêuticos chineses tradicionais, refere-se ao condicionamento das propriedades dos simples.

Estas propriedades fundamentais são directamente condicionadas pela quintescência (*cheng*) e pela forma da planta, directamente relacionada com o universalismo do pensamento homeopático.

A quintescência de uma planta revela-se tanto mais quanto for consumida perto do local de produção e quanto o seu período de desenvolvimento, de recolha e de consumo respeitem o ciclo sazonal (no caso de plantas usadas sem preparação prévia).

A especificidade duma planta está também ligada ao ano da sua recolha. No *Sou Man* [*Su Wen* 素问] (Questões Fundamentais)⁴⁴ recomenda-se que as plantas sejam colhidas quando “contenham em si,

conjugadas, a quiescência do Céu e da Terra”. É este facto que explica as variações da riqueza do sabor, da actividade e da eficácia das drogas e o êxito da medicina tradicional chinesa.

Eram assim as farmácias e os ervanários tradicionais chineses em Macau nas décadas de 1950 a 1980.

Debaixo das torres de betão e da modernidade dos novos projectos imobiliários de Macau ficaram soterradas para sempre filantropia, dedicação, muito estudo e

sabedoria que, em grande parte, irrecuperavelmente se perderam.

Findou o encanto e a esperança da Longa Primavera num violento temporal de rigoroso Inverno capitalista... **RC**

Nota da autora: Este artigo tem por base um trabalho de investigação efectuado entre os anos de 1957 a 1973 e posteriormente utilizado na preparação da minha tese de doutoramento, *Medicina Popular de Macau*.

NOTAS

- Publicado, postumamente, em 1595.
- Não obstante, nestas lojas vendiam-se também drogas secas e preparadas como as que eram vendidas nas ditas farmácias.
- Respectivamente molho de camarão moído e de ostra moída a que se juntam outros ingredientes aromáticos e muito utilizados na culinária de Macau, tanto chinesa como macaense, como condimentos e temperos.
- Designação dada, ainda à época do nosso trabalho, por macaenses muito idosos, indistintamente ao farmacêutico e ao médico.
- Pequena embarcação local, em forma de ovo, que estabelece a ligação entre os grandes barcos de pesca e os põe em comunicação com terra.
- Pequeno emplastro usado contra furúnculos.
- Muitos chineses conservadores preferiam as cabaças aos frascos mais recentes, para transportar certos remédios, considerando que o interior da cabaça não os adultera.
- Nome, por que é designado, em Macau, o *tam kón* [*dan gun* 担棍], vara de madeira ou bambu que, apoiada sobre o ombro, serve para o transporte de dois volumes, pendentes das suas extremidades.
- É considerada muito importante a hora da colheita de certas plantas medicinais.
- Também designado, se bem que raramente, entre os chineses, por *má chi kân* [*ma qi gan* 麻旗杆], deturpação do vernáculo português, o que parece apontar para o origem da sua introdução.
- Em 1970, equivaliam a 50 centavos.
- Wong chi chá* [*huang zhi cha* 黄纸茶] e *pak chi chá* [*bai zhi cha* 白纸茶], “chá de papel amarelo” e “chá de papel branco”, cores dos papéis dos respectivos embrulhos.
- Observámos, em Macau, rápidos casos de cura, com este remédio, que vimos preparar numa loja de ervanário da Rua 5 de Outubro, na qual o idoso mestre, de apelido Wong, trabalhava com o filho, que o auxiliava e que aprendia com ele a arte.
- Este preço refere-se a 1970.
- Os valores indicados representam as médias, em percentagem, relativamente aos totais adquiridos pelos clientes.
- Por observação participante sabemos que esta espécie, conhecida por *póng chai* [*bang zai* 帮仔] (ajuda as crianças) era muito consumida em Macau para abrir o apetite, cozida em caldos de carne de porco. Contudo, era relativamente pouco procurada nas lojas dos ervanários. A razão desta baixa procura estava, ao que supomos, no facto de ser muito cultivada nas hortas chinesas e em vasos nos quintais e varandas particulares.
- “Mal de susto”. Cf. Ana Maria Amaro, “A queda da alma”, in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* da Universidade Nova de Lisboa, 1991.
- Léong chi* [*leng cha* 冷茶] são decocções contra “calor interno” resultante, por exemplo, da ingestão exagerada de frituras ou alimentos gordos. As mais frequentes eram, em Macau, os chás de cevadinha e de cana-sorgo.
- Também frequentes na medicina ocidental, pelo menos até aos fins do século XVIII na Europa.
- As borboletas, *wu t'ip* [*hu die* 蝴蝶] são consideradas emblemas de longa vida, por significarem, homofonicamente, a primeira longevidade (idade de 75 anos) e os gatos, *mau* [*mao* 猫], têm o mesmo significado por corresponderem, também por homofonia, à idade de 90 anos (segunda longevidade).
- Grupo tauista dos mais populares, conhecido por *Pat sin* [*Ba xian* 八仙]. T'it Kwai Lei [Tie Guaili] é um dos patronos da Medicina e também dos barbeiros, sendo representado por uma grande cabaça, símbolo de saúde, que é um dos seus emblemas.
- Imortal tauista de que se conhecem, pelo menos, três avatares, o primeiro dos quais teria vivido na dinastia Han (século II a.C. a século II d.C.) e o terceiro na dinastia Song (séculos X a XIII).
- O pêssego, *tou* [*tao* 桃], é um emblema tauista de imortalidade. Por homofonia, corresponde ao próprio *tou* [*dao* 道], o Princípio Universal do Tauismo. A figura de Sau Seng Kong [Shou Xing Gong], empunhando os pêssegos da longa vida, refere-se aos frutos que, de 3000 em 3000 anos, eram servidos por Sai Wong Mou [Xi Wang Mu 西王母], Espírito Mítico Feminino do Ocidente, cujo palácio foi situado, pela imaginação dos bonzos tauistas, numa interpretação popular da antiga Cosmogonia chinesa, nos montes Kun Lun. Estes pêssegos tinham a propriedade de conferir a imortalidade a quem lograsse ingeri-los.
- O *léong* [*liang*] ou *tael* equivale a 10 *fan* [*fen*] e um *fan* a 10 *chiün*.
- Diagrama muito conhecido, pilar principal do *Yi Jing* 易经 (Livro das Mutações).
- Dados aproximados e fornecidos pelo mestre farmacêutico, Sr. Chan Pou.
- Pudim tradicional do Ano Novo Lunar.
- Este nome parece ter sido inspirado no de uma célebre farmácia de Cantão, cujo mestre, devido à sua fama, era, no século XIX, muito procurado pelas populações de Macau. Encontrámos uma receita manuscrita pelo mestre desta farmácia no Arquivo Histórico Ultramarino (Miscelânea - 1868).
- As peónias são um símbolo de prosperidade e da própria Primavera.
- As cinco felicidades são consideradas em diferentes grupos mas, o mais comum destes associa longa vida, saúde, longa prole, riqueza e tranquilidade.
- Ganoderma lucidum* L., fungo luminescente, talvez por isso considerado mágico, usado em medicina chinesa como tónico cerebral.

ANTROPOLOGIA

- 32 Clássico da literatura chinesa, século XIV, da autoria de Luo Guanzhong 罗贯中.
- 33 Foi recentemente exumado, na China, um pilão em pedra deste tipo, que foi datado de c. 2000 a.C. Em vez de disco horizontal apresenta um disco vertical, em pedra, com manípulo horizontal.
- 34 O moinho accionado com os pés destina-se a moer casca de ostra e outros produtos duros. É um curioso instrumento cujo modelo tem sido conservado ao longo de vários séculos.
- 35 Quando é inaugurada uma loja ou muda de ramo, os amigos do proprietário são obrigados, pela etiqueta, a oferecerem grandes placas em flores naturais e de papel, com grandes dísticos auspiciosos, quadros ou espelhos com inscrições e, às vezes, com eruditas dedicatórias.
- 36 Frase feita, auspiciosa, que significa um sem número ou número incontável de medicamentos.
- 37 Em 1966, um servente ganhava o mesmo que um terceiro ajudante (40 patacas mensais); um ajudante de segunda, 60 patacas e um primeiro farmacêutico, 100 patacas, o que equivalia, aproximadamente, a 220\$00, 330\$00 e 550\$00.
- 38 Lin Fong Miu é o Templo do Cume do Lótus, Pagode Novo ou Pagode da Porta do Cerco, que nos antigos tempos servia de residência aos

mandarins que visitavam Macau. No pavilhão norte deste templo, encontram-se na primeira capela as estátuas de Shen Nong e Hua Tuo, patronos da Medicina chinesa.

- 39 Havia além das 75 farmácias, 12 ervanários fixos e 37 curandeiros registados (Cf. Recenseamento Oficial de Macau).
- 40 Papel absorvente amarelado, feito, ao que consta, com casaca de arália de pau mole.
- 41 Igual propriedade é atribuída ao sumo de laranja.
- 42 Não vimos o exemplar fresco e não sabemos se se tratará de um sinónimo ou de uma espécie diferente das do género *Aconitum*, conhecidas no Ocidente.
- 43 G. Guillaume; Mach-Chieu, *Pharmacopée et Medecine Traditionnelle Chinoise*, Paris, Désiris/Présence, 1987.
- 44 Primeira parte do *Huangdi Neijing* 黄帝内经 (Tratado de Medicina Interna do Imperador Amarelo), a mais antiga obra de medicina tradicional chinesa. Embora atribuída ao lendário Imperador Amarelo, julga-se ter sido compilado por vários autores e ao longo de um largo período.

BIBLIOGRAFIA

- Amaro, Ana Maria, *Medicina Popular de Macau*. Tese de Doutoramento em Antropologia Cultural, dactilografada, apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 1988.
- Chen You-wa, *Les plantes médicinales chinoises*, Paris, Robert Laffont, 1987.
- Gan Weisong 甘伟松, *Yao Yong Zhiwu Xue* 药用植物学, Taipé, Guoli Zhongguo Yiyao Yanjiusuo, 1969.
- Huard, Pierre; Wong, Ming, *Chinese Medicine*, London, Widenfeld & Nicolson, 1968.
- Keys, John D., *Chinese Herbs*, Hong Kong, Swindon Book Company, 1976.
- Koo, W. H., *La pharmacopée chinoise d'après les textes anciens*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lyon, 1941.
- Ma Yuanantai 马元台; Zhang Yinan 张隐庵, "Huangdi neijing suwen lingshu hebian" 黄帝内经素问灵枢合编, *Zhongguo Yiyao Congshu* 中国医药丛书, Taipé, Tailian Guofeng Chubanshe, 1968.
- Nanjing Yao Xueyuan Yaocai Jiao Yanzu Bianzhu 南京药学院药材教研组编著, *Yao Cai Xue* 药材学, Pequim, Renmin Weisheng Chubanshe, 1961.
- Smith, Porter F.; Stuart G. A. (eds.), Li Shih-Chen, *Chinese Medicinal Herbs*, San Francisco, Georgetown Press, 1973.
- Xu Guojun 徐国钧, *Yao Cai Xue* 药材学, Pequim, Renmin Weisheng Chubanshe, 1964.
- Wang Ang 汪昂, *Tang Tou Ge Jue* 汤头歌诀, Gan Qing Tan Shuju, Xangai, 1924.
- Wenwu 文物, 1972, n.º 3, Pequim, 1972.
- Zhang Zhongling, *Shang Han Lun*, trad. e comentários por Ming Wong, Paris, Masson, 1983.